

Manifesto pela Vida, pela Paz, pela Igualdade

A cada dia, morrem 35.000 crianças de fome no mundo, segundo a FAO. É um genocídio em proporções impressionantes, a que assistimos impassíveis. Ao mesmo tempo, calcula-se que o gasto diário em armamento chega a 2.800 milhões de dólares, sendo que os subsídios agrícolas dos Estados Unidos, bem como da União Europeia não chega aos 800 milhões diariamente. Não existem verbas para o tratamento da AIDS... mas os benefícios para o complexo industrial bélico-militar abarca na quase totalidade a economia mundial. É necessário compartilhar justamente. Não existe melhor campo para a radicalização, a animadversión e a agressividade que a humilhação e a exclusão. A violência não se justifica, mas suas origens devem ser examinadas com atenção.

Em lugar de fortalecer o multilateralismo, e dotar as Naciones Unidas de meios e autoridade necessários para empreender um grande plano global de desenvolvimento em benefício de todos, continuam as mesmas regras de exploração dos recursos naturais de países progressivamente empobrecidos cuja cidadania é obrigada a emigrar em circunstâncias que com frequência constituem um agravo a sua dignidade. Não é com votos de cabestro, com obediência cega e com medo, que se constroem e consolida a verdadeira democracia. Não é com guerras ambiciosas, com demonstrações de força, ações bélicas e invasões dirigidas por interesses económicos e energéticos - que geram uma espiral de violência, de ação e de reação, de intervenção e represália - que podemos enfrentar os grandes e assimetrias de toda ordem que apresenta a situação mundial.

Os governantes abdicaram de suas responsabilidades, substituíram valores universais pelas leis do mercado. O resultado é a concentração de riqueza em umas quantas mãos e o aumento das brechas sociais e económicas.

Não a Pobreza!

Temos que exigir dos governantes, a través de um autêntico clamor a escala mundial, que priorizem o cumprimento dos objetivos do Milênio. Chegou o momento da não resignação e da ausência pessoal.

Proclamamos, uma vez mais, que não se justifica os atentados e a violência, venha donde venha. Condenamos todo tipo de terrorismo: principalmente de grupos ocultos nas sombras e o terrorismo de Estado. O Estado utiliza a tortura, os maus tratos, agride o ser humano, viola reiteradamente o derecho internacional y humanitário.

È necessário que a Comunidade Internacional ponha um fim a esta barbárie, aos massacres em massa. Como está estabelecida na Carta das Naciones Unidas são os povos que devem decidir seu destino. Temos o dever de somar vozes de todo o mundo para reafirmar: **BASTA DE GUERRA E DE VIOLÊNCIA.**

Estamos calados. Acabemos com este silêncio. Os povos elevaram su voz. A guerra é una tragédia para todos. È preciso desarmar la razão armada. Hoje, mais que nunca é preciso desenvolver a capacidade de dialogar, de fazer alianzas, o compromisso de tentar resoluções pacíficas de conflitos, incrementar atitudes de encontro e respeito aos demais, mediante a aplicação cotidiana dos Derechos Humanos.

È necessário mudar o curso dos acontecimientos através de ações coletivas, desenvolvendo a solidariedade entre los povos. Urge que os intelectuais, artistas, educadores, cientistas abandonem a passividade e passem a ação direta. Somente assim suas palabras, suas crónicas, sua palabra terão o devido crédito e poderão contribuir para somar esforços a de outros tantos para deter a loucura desta guerra, desta confrontação e desta violência.

Nosso momento chegou. Principalmente para os jovens, mulheres, e homens que acreditam que um mundo melhor é possível.

As instituições e meios de comunicação devem ajudar a incentivar a cidadania mundial, deixar de ser meros espectadores e desempenhar sua real função de protagonistas que desenham o futuro. Os governantes, parlamentares, membros de Conselhos Municipais... têm uma especial responsabilidade nesta mudança histórica.

È a vez das culturas religiosas, as mais diversas, unidas pela solidariedade e o amor ao próximo que se ponham a frente deste resgate da dignidade humana.

È necesario que os povos assumam a resistencia social, cultural e politica e espiritual a través de mobilizações, da não cooperação com a violência e a injustiça. Somar esforços com outros povos e denunciar os responsáveis pelas dominações e pela dor que afeta la humanidad.

Temos que nos colocar de pé, de pé com a paz e caminhar para novos horizontes de vida e não de morte. Apesar de tudo, esta é a esperança.

Con o olhar fincado nas gerações vindouras, conclamamos a todos que sintam igualmente preocupados para que se manifestem pacificamente, através de todos os meios a seu alcance, presente o virtualmente, sua adesão a paz:

NÃO À GUERRA E À VIOLÊNCIA!

SIM A PAZ E A JUSTIÇA!

Manifestaremos de viva voz ou através da Comunicação Social nos próximos dias 10 e 11 de Dezembro de 2006, na Comemoração da Declaração dos Direitos Humanos.

Si conseguimos aglutinarmos e difundir nosso pensamento, logo estaremos "mundializando a consciência", para logarmos a independência real dos pueblos.

Adolfo Pérez Esquivel
Nobel de la Paz, Argentina

Mario Soares
Ex Presidente de Portugal

Federico Mayor Zaragoza
Presidente Cutura de Paz, España

Pere Casadàliga
Obispo, Brasil

Danielle Mitterrand
Presidenta France Libertés, Francia

François Houtart
Teólogo , Bélgica

Montserrat Ponsa
Periodista, Catalunya, España

Luís Eduardo Aute
Cantautor, España

Arcadi Oliveras
Presidente Justicia i Pau, Catalunya, España

Ernesto Cardenal
Teólogo, Nicaragua

Marilia Guimaraes
Presidenta Comité Defensa de la Humanidad, Brasil

Handel Guayasamín
Arquitecto, Ecuador

Silvio Rodríguez
Cantautor, Cuba

James Cockcroft
Escritor, EEUU

Eliseu Climent
València

José Enrique González Ruiz
México

Giovanni Parapini
Periodista, Roma

Marianna Masciolini
Comunicación, Roma

